

A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E POSSIBILIDADES PARA FORMAÇÃO DOCENTE

THE PERSPECTIVE OF LETTERING IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND POSSIBILITIES FOR TEACHING TRAINING

Deborah Cristina Keller Diégues 1

Resumo: O objetivo deste artigo é dialogar sobre Educação Física e a perspectiva do letramento, dentro das possibilidades de formação docente. Entende-se que o cenário educacional atual faz com que seja necessária a releitura sobre os valores e princípios que regem a formação de professores em Educação Física, com a intenção de reestruturar os planos e políticas voltados para essa área. Para a estrutura do trabalho, apresentam-se seções que aprofundam na discussão sobre a constituição da Educação Física como área de conhecimento; Educação Física e Letramento e Educação Física e Linguagem. Em seguida, faz-se uma discussão sobre as possibilidades de formação docente frente aos desafios da contemporaneidade. Compreende-se, por fim, que Educação Física e letramento são concebidas como práticas sociais, em suas especificidades, e não podem compor os currículos escolares como meras técnicas e habilidades descoladas de reflexão crítica.

Palavras-chave: Educação Física. Linguagem. Letramento. Formação de Professores.

Abstract: The aim of this article is to talk about Physical Education and the perspective of literacy, within the possibilities of teacher education. It is understood that the current educational scenario makes it necessary to re-read about the values and principles that govern the formation of teachers in Physical Education, with the intention of restructuring the plans and policies aimed at this area. For the structure of the work, there are sections that deepen the discussion about the constitution of Physical Education as an area of knowledge; Physical Education and Literacy and Physical Education and Language. Then, there is a discussion about the possibilities of teacher education facing the challenges of contemporary times. Finally, it is understood that Physical Education and literacy are conceived as social practices, in their specificities, and cannot compose school curricula as mere techniques and detached skills of critical reflection.

Keywords: Physical Education. Language. Literacy. Teacher Training.

Introdução

O presente trabalho configura-se como encerramento da disciplina Cultura, Linguagem e Formação de Professores, oferecida no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora. O mesmo apresenta-se como parte das reflexões realizadas durante os encontros e como forma de consolidar algumas ponderações sobre o tema “Educação Física e Letramento”.

Assim, engloba a possibilidade de compreender a Educação Física como um importante componente no processo de letramento dos estudantes na Educação Básica. Este entendimento permite aprendizagens importantes, pois o “letramento” em Educação Física estaria ligado ao domínio de conhecimentos, estruturas da disciplina, hábitos e competências globais para agir no mundo (TAFFAREL, 2019). Vale ressaltar que o entendimento de letramento corporal adotado não se restringe a atuação apenas no desenvolvimento psicomotor e socioafetivo, mas destaca as práticas culturais e participação ativas dos sujeitos no âmbito da cultura corporal. A Educação Física, sob a perspectiva do letramento e principalmente nas séries iniciais, favorece ao educando conhecer, participar, explicitar e entender o seu contexto social, ampliando suas possibilidades de atuação e intervenção na sociedade. O letramento, assim, adquire um papel de ampliação e aperfeiçoamento da leitura de mundo feita pelo aluno. Dessa forma, uma das premissas da discussão apresentada no presente trabalho considera o ser humano como totalidade indissociável entre corpo e mente, operando sobre capacidades cognitivas e linguísticas.

Práticas de Educação Física nas séries iniciais têm sido observadas com restrição ao aspecto psicomotor, como capacidades de aquisição de lateralidade e coordenação motora fina, ou ainda reduzida às práticas recreativas, nas quadras ou pátios da escola. Ao mesmo tempo, as experiências com linguagem escrita reduzida ao uso do sistema grafofônico desprivilegia outras linguagens aprendidas e vivenciadas pela criança ao longo de sua inserção nesse universo. Por isso, compreende-se a importância de práticas alfabetizadoras que se relacionem à apropriação de signos alfabéticos e de seus sentidos nas interações sociais, assim como se defende, também, uma proposta de Educação Física não restrita às habilidades motoras.

Pensando no letramento numa perspectiva político-cultural na atualidade, sob o processo de ressignificação das concepções de alfabetização, que deve ser concebida como a relação entre os educandos e o mundo, é necessária a mediação que visa à prática transformadora na escola (FREIRE, 2015). Para Freire (2015), a leitura de mundo precede a leitura da palavra; o ato de ler implica aprender a ler o mundo, compreendê-lo numa relação dinâmica entre linguagem e realidade.

Para compreender as questões que envolvem o ensino da Educação Física, a formação de professores se mostra como uma etapa essencial, quando os mesmos se aproximam de discussões, reflexões e aquisição de saberes necessários à sua prática. A partir da concepção de Santos (1998), formação consiste em propostas voltadas para a qualificação do profissional, tendo em vista a possibilidade de melhoria de sua prática pelo domínio de conhecimentos e de métodos de seu campo de trabalho. A formação, então, tem como objetivo levar o profissional a refletir sobre dificuldades, conflitos e potencialidades diagnosticadas na sua prática social ou o aperfeiçoamento e o enriquecimento da competência profissional. Por mais que se especifique que os saberes docentes podem ser provenientes do conhecimento a respeito das ciências da educação e de métodos e técnicas pedagógicas (saberes da formação profissional), do domínio do conhecimento específico a ser ensinado (saberes disciplinares), da apropriação de uma forma “escolar” de tratar os conhecimentos que serão objeto de ensino (saberes curriculares) ou da própria vivência diária da tarefa de ensinar (saberes experienciais), reconhece-se que existe um saber específico que é resultado da junção de todos esses outros e se fundamenta e se legitima no fazer cotidiano da profissão (TARDIF, 2004).

Entende-se que a formação docente deve ter o compromisso com a Educação no sentido de promover aos estudantes aprendizagem e saberes que contribuirão com a leitura crítica da realidade em que vivem, ampliando as suas possibilidades de intervir e transformá-la com uma visão de justiça e igualdade.

Dessa forma, o trabalho objetiva refletir sobre a Educação Física escolar sob a perspectiva do letramento e suas implicações para a formação de professores deste componente curri-

cular. Para isso, o artigo está dividido em seções com aprofundamento na discussão de temas, além das considerações finais com apontamentos que convergem como a proposta do trabalho. A metodologia utilizada foi de revisão bibliográfica de artigos em periódicos, cuja busca foi delimitada pelas palavras-chave: “formação de professores”, “letramento” e “Educação Física”. A seleção dos artigos para fundamentação e discussão aconteceu a partir da leitura de seus respectivos resumos e, conseqüentemente, pela análise de sua aproximação direta com os objetivos desse artigo. Além dessas referências, também foram utilizados textos e leituras realizadas na disciplina Cultura, Linguagens e Formação de Professores, oferecida no primeiro semestre de 2019 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, cuja temática de discussão permitiu ampliação do olhar para a relação entre as diferentes culturas presentes na escola, a formação docente e o letramento dos estudantes, assim como se tornou lócus de surgimento das questões apontadas no presente artigo.

A constituição da educação física como área de conhecimento

Sob o entendimento do ser humano como sócio-histórico e que desenvolve sua interação com o mundo e cria cultura, traz-se a concepção de Educação Física como prática que surge das necessidades sociais, das exigências concretas vigentes de cada sociedade, sendo então como elemento constituinte do fenômeno educativo e parte da totalidade do homem. A obra Coletivo de Autores (2012) compreende a Educação Física como um movimento histórico que busca entender a construção da corporeidade humana, criando outras atividades, outros instrumentos e transformando a natureza, construindo a cultura e se construindo.

Ao longo de sua história, a Educação Física e as várias formas de atividades físicas passaram por transformações para chegar às escolas na forma que vivenciamos nos dias atuais. Para esclarecer estas transformações, a fim de elucidar o processo de construção da área, faz-se a seguir um breve recorte sobre as tendências que orientaram a Educação Física ao longo de sua existência.

A divisão do trabalho entre manual e intelectual advinda principalmente do processo de industrialização, contribuiu para a separação entre trabalho que exige maior participação corporal e o trabalho intelectual (GONÇALVES, 1994). Com a burguesia emergente no século XIX e a ideia de construir um “novo homem”, a Educação Física se faz protagonista na busca do “corpo saudável” e que atendessem às novas demandas do trabalho. Ela incorpora o discurso biológico, constituindo um instrumento de disciplinarização da vontade da ordem, da assepsia higienista e atitudes necessárias à melhoria da saúde (SOARES, 1988).

No Brasil, a instituição escolar emergente no século XIX, sob os olhares e concepções militaristas, desejava a aptidão física para defesa da pátria; aqueles que fossem considerados doentes ou deficientes não tinham permissão para participar da Educação Física escolar. A partir da década de 1930, a Pedagoga Nova surge com teses centrais que orientam para uma “biopsicologização” da Educação Física, que encontra apoio nas novas tendências da psicomotricidade. Essa privilegia o estímulo ao desenvolvimento psicomotor, especialmente em relação à estruturação do esquema corporal e às aptidões motoras que melhoram a prática do movimento (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Assim, a instrumentalização do movimento humano é o meio de formação, e a transmissão de conhecimentos é deixada de lado. O que interessa a essa corrente de pensamento é a programação de atividades motoras adequadas à fase de desenvolvimento motor da criança. Isso revela uma despreocupação com a especificidade da Educação Física, que é colocada de forma subordinada a outras disciplinas escolares, ao ser vista como uma auxiliar nos processos de desenvolvimento cognitivo e de alfabetização (BRACHT, 1999).

Numa tentativa de trazer cientificidade à Educação Física e ressaltar sua importância no currículo escolar, surge a abordagem desenvolvimentista (TANI, 1988), cujo enfoque é nos processos de desenvolvimento, crescimento e aprendizagem motora do ser humano, visando a aquisição de habilidades motoras básicas pelo movimento humano. Por não romper com o paradigma da aptidão física, essa abordagem acaba perpetuando a importância da Educação

Física apenas como atividade-meio à aquisição de habilidades cognitivas.

Na década de 1980, sob grande influência das ciências humanas e com discussões pedagógicas em meio ao contexto de redemocratização e abertura política no Brasil, novas produções teóricas no campo da Educação Física surgem a fim de questionar a até então neutralidade da área no processo histórico, cultural, social e político da humanidade. Novas propostas, vinculadas às teorias críticas da educação, trazem novas concepções sobre o movimento humano: esse não deve ser visto como algo estritamente biológico, mecânico ou apenas sob a dimensão psicológica, mas como um fenômeno histórico-cultural. Destacam-se duas abordagens emergentes nesse contexto e que podem contribuir para uma Educação Física crítica: a abordagem crítico-emancipatória (KUNZ, 2010) e crítico-superadora (SOARES, 2012). Apesar de suas especificidades, ambas fornecem subsídios para se pensar a Educação Física de forma social e histórica.

Acrescentam-se também as contribuições dos estudos de Jocimar Daolio (1995), ao possibilitar outras aproximações entre a Educação Física e o entendimento sobre cultura em seu livro “Da cultura do corpo”, concretizados na abordagem plural do ensino deste componente. Mais recentemente, as contribuições da Educação Física Cultural, baseada em teorias pós-críticas e estudos multiculturais, revela sua preocupação com a relação entre a Educação Física escolar e os processos de construção da identidade e da diferença a partir da linguagem, também no esforço de afastar concepções reducionistas da área e que comprometem a aproximação com apontamentos sociológicos e culturais da Educação Física.

Percebe-se que o caminho feito pela área para consolidação de seu objeto de estudo e trabalho foi cheio de percalços e embates, na disputa de concepções que ora apontam a Educação Física com uma vertente unicamente biológica e técnica, ora evidenciam com uma visão mais pedagógica e preocupada com o ensino. Essa situação repercute ainda nos dias de hoje na formação inicial dos professores, numa disputa de interesses que ainda segrega a área em concepções opostas.

Educação Física como linguagem

Sob a perspectiva de que tanto a linguagem como a consciência são expressões da relação do homem com o mundo e que ambas surgem da consciência de que o homem vive em sociedade, pretende-se trazer algumas reflexões sobre o conceito de linguagem a as relações da Educação Física com essa dimensão humana.

Para Vygotsky (2009), é na atividade social que o homem se forma e interage com seus semelhantes e seu mundo, numa relação de troca. Assim, a relação entre homem e mundo deve passar pela mediação do discurso, pela formação de ideias e pensamentos, pois dessa forma o sujeito apreende o mundo, atua sobre ele e recebe a palavra do mundo sobre si mesmo e sobre ele (VYGOTSKY, 2009).

Em seus estudos, o autor dá ênfase especial ao papel da linguagem na organização e no desenvolvimento do processo de pensamento. A linguagem seria um instrumento básico inventado pela humanidade, utilizada para interação, comunicação, enunciação e compreensão com o outro dentro de um espaço social. As condições e as formas de comunicação demonstram a realização social em símbolos, ultrapassando as particularidades do sujeito na interação com o outro.

Sendo a criança um ser social, sua relação com o mundo acontece a partir da interação entre o subjetivo e o objetivo, por meio da linguagem. Para Vygotsky (2009), somente pela linguagem podem existir objetos de pensamentos e um sujeito real para pensá-los. Além da valorização da linguagem pela da palavra, o autor também valoriza a interação de diversos aspectos da educação – intelectual, moral, estética, prática e física, pois dessa forma, a criança participa das diversas atividades para um desenvolvimento das potencialidades em todas as áreas.

Dessa forma, reconhece-se a dimensão corpórea humana como materialização da linguagem, como atividade produtiva de sua história, entendendo a linguagem como comunicação gestual, expressão de ideias e trabalho, ao desenvolver diferentes movimentos sistemati-

zados, articulados, numa produção simbólica (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Assim, podemos compreender a Educação Física como prática social que assimila cultura corporal da humanidade e que

(...) busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 39)

Compreende-se assim que a Educação Física e seus elementos ocupam uma função social e educativa como uma área consistente na medida em que orienta uma ação pedagógica objetivada e contribui para a organização do pensamento da criança de forma cada vez mais complexa e desenvolvida.

Retomando sobre a linguagem, esta é reconhecida na teoria histórico-cultural como ferramenta de constituição e transformação do indivíduo, sendo necessário então que a escola evidencie a importância de todas as formas de linguagem na formação de identidade dos indivíduos, contemplando possibilidades e ações artísticas, lúdicas e motoras de conhecer, interpretar, expressar e transformar o mundo.

Mas, então, o que significa manifestar-se por meio de diferentes linguagens? As vivências em diferentes linguagens permitem reconhecer a oralidade, a escrita, o desenho, a dramatização, a música, o toque, a dança, a brincadeira, o jogo, os ritmos, as inúmeras formas de movimentos corporais como expressões humanas que não podem ficar limitadas a um segundo plano, ou a simples aquisição de técnicas. É necessário, assim, que as diversas manifestações de linguagem tenham o mesmo prestígio que a linguagem escrita (AYOUB, 2002).

Compreende-se a linguagem, então, como uma dimensão humana; ela constitui a práxis humana por meio da qual o homem se assume como ser social. Tanto pelas palavras quanto pela corporeidade, é desenvolvida na relação dialética do homem com a natureza, e também compreendida como produção humana.

Pode-se pensar, portanto, que a Educação Física, partindo do movimento corporal, possibilita ampliar o campo de experiências corporais, que por sua vez permite desenvolver a consciência crítica. Deve possibilitar aos alunos a compreensão da linguagem corporal como interação social, conscientizando os estudantes acerca de sua corporeidade, das formas de se comunicar, de interagir com o mundo e apreender que esse corpo e suas manifestações foram produzidos dialeticamente através da história da humanidade para adequar o conhecimento da realidade e dispor de meios para agir sobre ela. Contribui, portanto, na leitura de mundo, por parte das crianças, partindo do pressuposto de construção de si mesmo do decorrer do processo de letramento (AYOUB, 2002).

Educação Física e letramento

Algumas teorias de construção do conhecimento têm adotado uma lógica de separação entre atividades intelectuais, aquelas que exigem maiores atividades cognitivas, e atividades corporais, envolvidas apenas com aptidão física e trabalhos manuais, (GONÇALVES, 1994), evidenciando, ao mesmo tempo, que a educação para o intelecto se sobrepõe à “educação do corpo” (DAOLIO, 2006; NEIRA et al, 2016) Dentro dessa lógica, pensar em Educação Física e alfabetização reforça a visão da divisão de trabalho na escola e contribui para uma hierarquização dos conteúdos: a alfabetização dentro do conhecimento intelectual e a Educação Física como um meio para dominar o corpo ou auxiliar na aprendizagem do intelecto.

Assim, à Educação Física é atribuída a tarefa de envolver atividades de movimento que só pode ser corporal; e à alfabetização se atribui a ideia de aprendizagem da língua padrão

manifestada na ênfase dada à leitura técnica e às habilidades para a escrita.

A alfabetização, sob uma perspectiva de apreensão de códigos e símbolos, está centrada nos processos de codificação (escrita) e decodificação (leitura). Assim, o sistema alfabético se torna a prioridade no ensino. Uma possível conexão entre a Educação Física e essa concepção de alfabetização se relaciona aos benefícios da primeira para aspectos motores e como facilitadora de aprendizagens, como a de leitura e escrita. A concepção de Educação Física fica atrelada exclusivamente ao desenvolvimento de habilidades motoras. Vale destacar que se reconhece a importância desta dimensão; porém, elas não são suficientes, pois é essencial compreender que essas habilidades estão inseridas em uma cultura que lhes orienta e dá sentido/significado, não podendo deixar a Educação Física apenas estudada por sua existência biológica.

Soares (2008) apresenta a alfabetização como um fenômeno multifacetado, devido à diversidade de suas relações com a sociedade e a cultura. Essa perspectiva sociológica entende a leitura e a escrita como práticas sociais, denominada pela autora como letramento, de modo que as relações entre essas práticas e características sociais buscam determinar o que e como as pessoas leem, o valor simbólico da escrita em diferentes contextos sociais e na hierarquia de bens culturais.

Kleiman (2012) também concebe a alfabetização para além de aquisição do sistema de escrita alfabética e aponta a concepção de letramento como um conjunto de práticas sociais, culturais e discursivas sobre a língua escrita, com implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessa prática constroem relações de identidade e poder. É possível notar o sentido amplo dado ao conceito de letramento e o tratamento das práticas de leitura como práticas sociais e culturais que permitem chegar a uma apropriação crítica e propositiva da própria cultura e história.

Sob uma perspectiva dialética, a prática social é muito mais do que conteúdo específico, pois se refere a uma totalidade que envolve o modo como as pessoas se organizam para produzir suas vidas. Assim, tanto letramento quanto Educação Física são compreendidos como práticas sociais que promovem a leitura da realidade, as quais contribuem para a visão da totalidade (CAPARROZ, 2007). Para que o letramento e Educação Física ganhem este significado, ambos devem ser situados em uma teoria de produção cultural concebida como parte integrante de modo pelo qual as pessoas produzem, transformam e reproduzem significados. Assim, devem considerar os diferentes mundos, as desigualdades e a diversidade sociais, levando em conta as muitas linguagens e a multiplicidade de práticas letradas dos grupos sociais.

O letramento compreendido como prática social extrapola o universo da decodificação das letras e apropriação do sistema alfabético, ou seja, é algo que caminha para um processo de conscientização do/a aluno/a, para ajudá-lo/a a despertar para o contexto em que vive e a participar da transformação sócio-histórica de sua sociedade por meio da linguagem. A partir desse princípio, podemos dizer que o letramento é um processo que amplia a compreensão do mundo em que se vive. A Educação Física, então, nas classes de alfabetização, permite ao educando conhecer, participar, explicitar e entender o seu contexto social, ampliando as suas possibilidades. Ou seja, não é o “movimento pelo movimento”, mas sim uma apreensão das atividades corporais e explicitação de suas significações sob uma perspectiva sócio-histórica (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 64), integrando as linguagens (oral, escrita, imagética, corporal).

Em uma de suas reflexões, Taffarel (2009) aponta a hipótese de que a Educação Física não está construindo um “letramento” das crianças e jovens, pois a escola não tem proporcionado atividades humanas inteligentes, racionais, “desalienadoras”. Isso agrava a negação de conteúdos relevantes para os estudantes nos currículos escolares. Para a autora, letramento se refere à amplitude de conhecimentos, habilidades e competências globais dos estudantes que podem ser avaliadas.

Assim, defende-se a ideia de letramento no componente Educação Física com foco em práticas corporais e a compreensão de seus gestos, historização e produção. O corpo passa a ser entendido como um suporte textual, carregado de história e cultura de determinado grupo social. Quando nos movimentamos, não apenas atendemos a necessidades

fisiológicas ou funcionais, mas também expressamos uma série de significados da cultura na qual estamos inseridos (COLETIVO DE AUTORES, 2012). A organização e sistematização dessas práticas corporais ocorrem com o passar do tempo e se transformam no que conhecemos como esportes, danças, lutas e brincadeiras. A decodificação, interpretação, organização e a realização dos movimentos corporais é o eixo da Educação Física que permitirá a leitura, interpretação e transformação do educando.

Cada área do conhecimento tem suas especificidades, apresentando linguagens e saberes próprios, ao mesmo tempo em que são interdependentes e complementares na compreensão da realidade. As áreas do conhecimento e componentes escolares se diferenciam, mas nunca se dissociam, devendo cada uma delas ser considerada na escola como um componente que só tem sentido pedagógico à medida que seu objeto se articula com diferentes áreas do currículo escolar (SAVIANI, 2008). Assim como os outros componentes, a cultura corporal está presente na vida das pessoas em diferentes contextos, variando em relação às situações pessoais, situações de grupo social, e até mesmo em questões públicas e globais.

Por isso, os processos de leitura e escrita não estão ausentes do campo da cultura corporal, que também exige domínio de conceitos, categorias, leis, esquemas de pensamento e habilidades próprias desse elemento. Traz-se, então, um entendimento de Educação Física que significa dominar conhecimentos e hábitos necessários para ler, interpretar e agir no mundo.

Formação docente e possibilidades

Segundo Gatti (2017), a formação docente nos dias de hoje se relaciona a múltiplas situações e envolve compreender quais os compromissos éticos e sociais devem ser considerados para que seja realizada. Para isso, é importante investigar o contexto no qual a formação e o trabalho docente se inserem, uma vez que redes educacionais e escolas são instituições integrantes da sociedade e, como tal, nelas encontram-se traços característicos das dinâmicas sociais, aí incluídas tensões, conflitos e disputas de uma conjuntura.

Quanto às propostas e concretizações da formação inicial de professores, estas vivem tensões, com padrões culturais formativos arraigados, estruturados em nossa história política e educacional desde os inícios do século passado, desencadeando conflitos com o surgimento de novas demandas para o trabalho educacional, em função de contextos sociais e culturais diversificados. Isso deve-se, dentre outros fatores, ao desenvolvimento de novas formas de comunicação e das tecnologias como seu suporte e novas formas de trabalho e de relações produtivas. Assim, a formação na perspectiva do letramento implica uma alteração do paradigma que compreende a formação do professor como um “treinamento para a função docente”, subvertendo as propostas que caminham no entendimento de sujeito formado por diferentes linguagens e saberes.

Nessas condições, surgem questionamentos quanto à formação de professores para o letramento, sua relação com as necessidades sociais e educacionais das novas gerações, com perspectivas quanto ao papel da educação escolar, sobre suas relações e contribuições com visões de futuro, e, mesmo, sobre suas relações com os conhecimentos a serem tratados nesse nível de educação. Dúvidas surgem sobre como formar esses docentes, quais são as bases institucionais e curriculares mais condizentes com os desafios para compreensão das diversas linguagens.

As compreensões construídas sobre o universo educacional, que se consolidaram em grande parte nos séculos XIX e XX, passam a serem questionadas, lançando-se um olhar crítico sobre a legitimidade de certas proposições, formações, interpretações, repetidas como imutáveis ou como compreensões universais. Esses questionamentos aparecem no debate científico e social já nas últimas duas décadas do século passado e intensificam-se nestes últimos anos. Dúvidas e procuras guiam novos estudos e ações, ainda que sejam ações localizadas e restritas.

Uma questão que entra em pauta é a das interdisciplinaridades e das formações interdisciplinares, das compreensões que mostram intersecções e transvariações em situações e fatos,

chocando se com um universo formativo em que predomina nos currículos a fragmentação disciplinar de olhar unívoco e a fragmentação dos tempos formativos, estruturados a partir do século dezessete, que atingiram seu apogeu no século dezenove, e que têm vigência na escolarização até os nossos dias. (GATTI, 2017, p. 723).

Essa proposição demonstra que a formação para o letramento, mais especificamente dos professores de Educação Física, precisa perpassar todo o percurso formativo dos docentes, aprofundando e ampliando suas ideias sobre os vários olhares possíveis para o letramento dos estudantes e em diálogo com os diversos agentes educativos presentes na escola. Tomando como premissas norteadoras a “inconclusão do ser humano”, Freire (1996, p.14) tece argumentos “sobre a prática educativo-progressista em favor da autonomia do ser educando”, prática essa que só se viabiliza com uma formação docente que seja coerente com seus pressupostos. Com esse intuito, compreendemos que a proposta pedagógica de Paulo Freire se alicerça sobre a base da ação reflexiva e dialógica e se articula como possibilidade de transformação da pessoa e da sociedade.

Outra contribuição a ser destacada vem dos estudos de Santin (2001), ao desenvolver um trabalho sobre o significado e os possíveis espaços que o *movimento* deveria ocupar nos processos de ensino-aprendizagem. Podemos estender essa reflexão para os espaços e propostas formativas dos professores de EF. Ainda é possível observar formas de organização pedagógica que imobilizam o/a aluno/a, que fica boa parte do tempo escolar sentado de frente para os professores. Os tempos e espaços divergentes dessa situação são os intervalos entre as aulas e o momento da Educação Física. Este componente curricular, então, assume uma responsabilidade de “movimentar”, “recrear”, “preparar” os corpos dos os estudantes, pois isso não ocorre em outros espaços na escola.

Deve-se encarar o movimento como fundamental em todo o processo de pensar e falar, inclusive aqueles relativos ao letramento dos alunos. Como exemplo, basta ver a gesticulação de quem fala, ou expressões fisionômicas, os suspiros, a respiração, a tensão muscular, dentre outros. Essas questões devem ter peso relevante nas políticas e processos de formação docente, pois permitem que os/as docentes vislumbrem maior atuação do professor de EF nas ações direcionadas ao letramento das crianças.

Outro aspecto considerado relevante diz respeito aos espaços reconhecidos como formativos para os docentes. Há um crescente oferecimento de cursos livres, à distância, principalmente vindo de esferas privadas, com temáticas e assuntos variados a fim de oferecer aos professores formas de exercer sua docência. Acontece que boa parte das instituições responsáveis por esses cursos tem uma visão de professor e de ensino vinculada à capacitação técnica, por isso muitas vezes não estão vinculadas ao fazer docente diário, com suas diversas demandas próprias do cotidiano da escola e da profissão. O tipo de formação em questão pouco aborda as questões relacionadas à formação política, filosófica, ou até mesmo coletiva. São espaços que pretendem capacitar o professor, mas não o enxergam dentro de um contexto maior e que influencia diretamente no seu fazer docente. McLaren e Giroux (2013), ao escreverem sobre a formação de professores e a importância de se criar uma contraesfera pública¹ nesse âmbito, discutem suas preocupações quanto ao desenvolvimento de uma nova conceituação de educação que permita o surgimento de uma abordagem mais crítica em relação à educação do professor. Segundo os autores, essas instituições continuam a se autodefinir essencialmente como instituições de serviço que são impelidas pela lógica da tecnologia de ensino e obrigadas pelo Estado a prover a especialização técnica e gerencial indispensável ao desempenho de quaisquer funções pedagógicas, distanciando-se de uma visão e um conjunto de práticas que levem a sério a luta pela democracia e pela justiça social.

1 contraesfera pública ampliada que poderia operar de algum modo coordenado para educar intelectuais dispostos a desempenhar um papel central na grande luta pela democracia e pela justiça social.

Fica evidente que programas de formação de professores estiveram e continuam a estar vinculados à teoria educacional formulada em torno de um discurso e de um conjunto de práticas que enfatizam os aspectos imediatos, mensuráveis e metodológicos da aprendizagem, como destacam McLaren e Giroux (2013, p. 150-151):

Essa perspectiva exclui questões relativas à natureza do poder, da ideologia e da cultura e à forma como estas funcionam para gerar noções específicas do social e para produzir determinados tipos de experiência do estudante. Essa falta de atenção à teoria social crítica tem privado os futuros professores de uma estrutura teórica que lhes permita valorizar, compreender e avaliar os significados que seus alunos constroem socialmente sobre si próprios e sobre a escola, com isso restringindo possibilidades de lhes dar os meios para o autoconhecimento e o fortalecimento do poder.

A formação continuada dos/das docentes em Educação Física, nesse contexto, deve possibilitar a troca de experiências e o fortalecimento de ações coletivas entre seus pares para que compreendam as forças que atuam na instituição escolar e visando as demandas de formação para o letramento. Essa perspectiva de formação contribui para o reconhecimento do professor como um sujeito político e de que suas tarefas também exigem especificidades e a necessidade de aperfeiçoamento constante (FREIRE, 1996).

Considerações Finais

A linguagem é dinâmica, rica, constituída historicamente nas relações sociais e altera-se de acordo com o movimento histórico. Na escola, impera um código linguístico que lhe é próprio. Nessa perspectiva a linguagem, estruturante dos pensamentos, funciona como uma dimensão criada pelo homem para comunicar-se com os outros e possui em si mesma um fim social e cuja aquisição somente pode ser feita em uma situação social.

A concepção de letramento defendida neste estudo fundamentou-se em Soares (2004) e Kleiman (2012), a partir de uma visão da alfabetização que, ao mesmo tempo, possibilita a apropriação do sistema de escrita alfabética, mas também oferece uma precondição para a organização, para a compreensão da natureza socialmente elaborada da subjetividade e da experiência e para a avaliação de como o conhecimento, o poder e a prática social podem ser moldados coletivamente a serviço da tomada de decisão que seja instrumento para uma sociedade democrática e não meramente concessão à classe dominante.

A partir dessa compreensão como emancipação humana é que estabelecemos sua relação não somente com a Educação Física, mas com qualquer outra disciplina e área do conhecimento presente na escola. Portanto, conhecer o modo que se produz o significado das ações, dos movimentos corporais e dos elementos que compõem a cultura corporal no interior das relações de poder também se relaciona a letrar e alfabetizar.

Além disso, uma nova visão, como também a construção de uma consciência mais crítica quanto a nossas ações formativas no campo da docência, são caminhos necessários à transformação das perspectivas educacionais que regem os espaços educacionais atualmente. No mundo de hoje, há intensificação das comunicações globais que evidenciam a pluralidade de conceitos e problemas, colocando em aberto enormes desafios. A educação escolar tem um papel essencial nessa direção, e os professores são chamados a comprometerem-se com um ensino que propicie aprendizagens as quais permitam às crianças e jovens, como cidadãos, tomarem decisões fundadas em conhecimentos sólidos e agirem pela preservação de condições específicas ligadas às comunidades humanas e suas ações e às suas próprias vidas.

Coloca-se como direito da cidadania a socialização e apreensão dos conhecimentos que podem contribuir para a vida cidadã com dignidade, e, nesse processo, a Educação, considerada em seus diferentes ângulos e formatos, é central; torna-se área de interesse público vital; assim, e a Educação Escolar assume aí papel relevante, e nela, destaca-se o trabalho dos/as docentes.

Refletir sobre a formação de professores e construir caminhos que viabilizem a transformação do contexto atual das ações educacionais que se concretizam nas salas de aula na educação básica demandam levar em conta a interação e a intersecção de múltiplas condições, intrínsecas a essa formação, considerando os novos movimentos societários que se mostram no mundo contemporâneo, com suas consequências, tendo no horizonte as lutas por dignidade social por parte de vários segmentos populacionais, e a meta de se conseguir equidade quanto ao usufruto de bens sociais e educacionais.

Não se pode deixar de pensar e imprimir ações que, considerando os dados de nossa realidade educacional, possam de fato contribuir para a diminuição das desigualdades que estamos gerando com nosso sistema escolar e social. Nesse sentido, precisamos nos preocupar em garantir para as novas gerações aprendizagens efetivas e significativas. Escolas são os territórios e os professores são os agentes desse processo, lembrando que gestores escolares são formados inicialmente como professores e, em seu trabalho, o domínio dos conhecimentos sobre a função de ensinar do educando é essencial.

Referências

AYOUB, E. **Reflexões sobre a Educação Física na Educação infantil**. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. In: Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, p. 69-88, 2009.

CAPARROZ, Francisco E. **A Educação Física como componente curricular: entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola**. 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012.

DAOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo**. Campinas, SP. Papyrus, 2013.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete. **Formação de professores, complexidade e trabalho docente**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 17, n. 53, p. 721-737, 2017.

GIROUX, H.A.; McLAREN, P. **Formação de professor como uma contraesfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural**. In: Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez, 2013.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 2ª edição. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.

KUNZ, Elenor. **Educação física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

SANTIN, Silvino. **Temas Pedagógicos**. Porto Alegre: EST, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**. 10ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. n. 25. p.5 – 17. 2004.

SOARES, Carmem Lúcia. **Fundamentos da Educação Física Escolar**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, nº 10, Janeiro, 1988, p. 19-27.

TAFFAREL, Celi Zulke. **O “letramento” e Educação Física**. Disponível em <http://www.rascunho-digital.faced.ufba.br/ver.php?idtexto=392>. Acesso em 03 dez 2019.

TANI, Go et. al. **Educação Física Escola: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, 1988.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Recebido em 14 de janeiro de 2020.

Aceito em 20 de abril de 2020.